

Fotografia em rede, uma desilusão especular¹

Wagner SOUZA E SILVA²
Universidade de São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

O artigo retoma o clássico *A ilusão especular*, de Arlindo Machado, defendendo sua atualidade para observar a fotografia na cultura midiática regida pelas tecnologias numéricas, que estão sintetizadas nas dinâmicas algoritmizadas das redes sociais. Propõe-se a hipótese de que a cultura digital das telas conectadas não nega o estatuto especular da fotografia, mas o assume sob um contexto generalizado de desilusão perante as imagens, o que também é propulsionado pela ascensão da inteligência artificial generativa.

PALAVRAS-CHAVE

Arlindo Machado; Fotografia; Cultura Digital

Em sua obra *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*, Muniz Sodré (2009, p. 9) defende o espelho como metáfora para um “novo ordenamento artificial do mundo”. Segundo o autor, o entendimento deve ser para além de um artefato de reflexo ou cópia, visto sua função “condicionante da experiência vivida, com características particulares de temporalidade e espacialização [...]” (Sodré, 2009, p. 23), que é posta ao se atribuir uma dimensão midiática à metáfora. Um espelho midiático, portanto, atualmente propulsionado pelos ambientes digitais e suas dinâmicas, que permitem ao usuário “entrar e mover-se, graças à interface gráfica, trocando a representação clássica pela vivência apresentativa” (Sodré, 2009, p. 23).

Sabemos que, no clássico *A ilusão especular*, Arlindo Machado busca trazer à consciência as dimensões ideológicas inerentes à fotografia, que estariam obliteradas por sua cientificidade, isto é, blindadas por um discurso sustentado na ciência e na teoria como formas objetivas e isentas para a representação da realidade. Para ele, a aparente condição especular da fotografia seria a camuflagem perfeita, pois “o que este efeito de ‘realidade’ almeja, no mesmo momento em que sofisticada o seu aparato técnico

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Doutor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: wasosi@usp.br.

de representação, é [...] censurar aos olhos do receptor os mecanismos ideológicos dos quais esse efeito é fruto e máscara ao mesmo tempo” (Machado, 1984, p. 28). Ao longo da obra, Machado empreende uma desmontagem do código fotográfico, demonstrando, por meio de um perspicaz repertório de imagens, os vários elementos tecno-estéticos de sua constituição, que entregam a materialidade necessária para perceber a fotografia como um signo determinado pela ciência. Segundo o autor, isso torna a fotografia menos uma reflexão e mais um processo de refração, isto é, quebra-se a ideia da fotografia como espelho e a serviço de uma reprodução técnica fiel, abrindo-se as frestas necessárias para compreendê-la também como um processo de transfiguração. Afinal, “a fotografia não pode ser o registro puro e simples de uma imanência do objeto”, uma vez que, para o autor, “nós seríamos incapazes de registrar uma realidade se não pudéssemos ao mesmo tempo criá-la, destruí-la, deformá-la, modificá-la” (Machado, 1984, p. 40).

Ou seja, as mesmas limitações, deformações e interpretações denunciadas pela desmontagem do código fotográfico empreendida em *A ilusão especular*, que minam a ingenuidade da crença em uma reprodução técnica fidedigna e isenta, são também uma abertura para a sua apropriação em sentido inverso. Se observarmos sua produção acadêmica após esse livro, que pode ser considerado sua obra seminal, veremos que Machado procurou explorar essas frestas justamente com base numa condição eletrônica da imagem, que podemos também compreender como uma certa condição midiática – vide, entre outros, os livros *A arte do vídeo* (1988), *Máquina e imaginário* (1993), *Pré-cinemas e pós-cinemas* (1997) e *Sujeito na tela* (2007). Assim, o que Machado buscou denunciar em *A ilusão especular* pode agora estar imerso e contaminado pelas disputas que se dão nos jogos de compartilhamento propulsionados pelos smartphones e redes sociais, que compõem a atualidade desta fotografia agora inevitavelmente midiática.

Nesses espaços, as fotografias, ainda que preponderantemente despojadas de critérios estéticos tradicionais outrora importantes para a prática, tendem a ter sua publicação estrategicamente planejada, almejando o engajamento e a interlocução com os contatos conectados. Uma dinâmica em que a tela se mostra como um tabuleiro, promovendo um jogo intenso, dada sua condição de refletir uma disputa por visibilidade. Hoje, tamanha a realidade de “confrontos” gerados por essas mídias de

afeto e seus fragmentos imagéticos circulantes, não raro instala-se um clima geral de desconfiança, tendo em mente que nada é publicado por acaso. Clima este, enfim, que pode se desdobrar em uma crescente descrença, crescente desilusão.

Imersas nesses enredamentos imagético-afetivos, as fotografias estão sempre conectadas, o que determina a elas uma movimentação constante em termos de reposicionamento e produção de novos sentidos, seja na perspectiva das narrativas, por intermédio de sua condição como “fragmento pós-histórico” (Souza e Silva, 2014), seja na perspectiva das sínteses, a partir de sua condição como “imagem-dado” (Souza e Silva, 2023): ambos os termos procuram demonstrar que qualquer fotografia parece sempre incompleta. Assim, se é possível ainda aludir à metáfora especular para caracterizá-la, propomos que isso seja feito ou partir da ideia de “espelhos emendados” – remetendo à configuração não somente das telas conectadas, mas também das conexões arbitrárias nas redes –, ou a partir da ideia de “espelhos remendados” – em referência a uma desmontagem da onipotência de cada imagem fotográfica, como se toda fotografia se apresentasse na forma de estilhaços rejuntados.

Para além da desconfiança que é possível ser observada como combustível para esse clima, sobre as fotografias planejadas para o “tabuleiro” das redes, podemos indicar outros sintomas e/ou vetores dessa condição: a descrença geral “na mídia”, que tem sido tão propagada atualmente ou a instabilidade ocasionada pela intensa recorrência de *fake news*, que são velozmente tanto instaladas como desmontadas. Isso sem contar o uso cada vez mais constante das tecnologias de produção imagética a partir da inteligência artificial (IA), tal como em programas como Midjourney, uma tecnologia de IA generativa do tipo *text to image* (texto para imagem), que tem trazido às imagens geradas um realismo fotográfico surpreendente –ou mesmo uma possível atualização no Adobe Photoshop que permita ações como essa–, que são indícios não somente de uma nova etapa na dimensão numérica e algoritmizada da fotografia, mas também um reforço neste movimento que a fragiliza.

Desiludidos porque inseguros, portanto, pois vivemos guiados por fenômenos technoimagéticos que colocam contra a parede os nossos modos de ver o mundo – ver o mundo das imagens e ver o mundo através das imagens, que reforçam a hipótese de que estaríamos sob um clima de desilusão perante as imagens que borbulham nas telas conectadas.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: uma introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA E SILVA, Wagner. Fotorreportagem por IA no projeto *90 miles*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Intercom, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/ac6c634b-b4f4-49ec-a0f2-cd67f57bee5e/003164943.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SOUZA E SILVA, Wagner. A condição pós-histórica da fotografia. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-14, 2014a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88319>. Acesso em: 19 nov. 2023.